



MIGRAÇÕES NA BÍBLIA

Algumas figuras de migrantes nas Escrituras*

Introdução

Na Bíblia, encontra-se a preocupação de Deus pelos migrantes. Repetidamente, o povo de Israel é ensinado a se lembrar dos estrangeiros que vivem entre eles e a tratá-los com amor e justiça. Deus ordena que os israelitas não os maltratem (Êx 22, 21) – “O estrangeiro não afligirás, nem o oprimirás; pois estrangeiros fostes na terra do Egito” – e não tirem vantagem deles (Dt 24, 14): “Não oprimirás o diarista pobre e necessitado de teus irmãos, ou de teus estrangeiros, que está na tua terra e nas tuas portas”. E quando se encontram em situação de vulnerabilidade, Deus cuida dos estrangeiros com especial atenção (Lv 19, 9-10): “Quando também fizerdes a colheita da vossa terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua sega. Semelhantemente não rabiscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o Senhor vosso Deus”.

Na Bíblia o termo hebraico *gêr* significa ser estranho, o que podia significar também ser inimigo e agredir. O termo se refere ao estrangeiro que vive dentro do contexto de Israel, enquanto que existe um outro termo, menos usado, *nekar*, que se refere ao estrangeiro de passagem, a quem é reservada uma hospitalidade especial. Na Bíblia não encontramos o termo migrante, é usado o termo estrangeiro ou estranho. Ser estrangeiro significava ser visto como ameaça e viver ameaçado. Somente na fé e na confiança em seu Deus fez Israel superar, devagarzinho, esta visão e acreditar que era possível, à luz de sua fé, um comportamento diferente com quem, com o tempo, se apresentou em seu caminho como diverso ou estranho.

A abertura particular que Israel amadureceu com o tempo em relação à realidade desta específica alteridade em seu meio – a dos estrangeiros – se deve ao fato de que Israel mesmo, em sua história, fez uma profunda experiência de se sentir e viver efetivamente como ‘outro’, estranho junto a povos e grupos humanos por onde passou em seu caminho de itinerância por onde JHWH o conduziu.

Segundo as Escrituras, os estrangeiros devem ser tratados como se fossem naturais da terra do povo eleito (Lv 19, 34): “Como um natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-ás como a ti mesmo, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o Senhor vosso Deus”. No livro do Deuteronômio, Deus ensina ao seu povo a lembrar-se para sempre que ser migrante faz parte de sua história e marca sua própria identidade e sua fé (Dt. 26, 5-8): “Então testificarás perante o Senhor teu Deus, e dirás: Arameu, prestes a perecer, foi meu pai, e desceu ao Egito, e ali peregrinou com pouca gente, porém ali cresceu até vir a ser nação grande, poderosa e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram e nos afligiram, e sobre nós impuseram uma dura servidão. Então clamamos ao Senhor Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz, e atentou para a nossa miséria, e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão. E o Senhor nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres...”

Na pedagogia de Deus para formar seu povo, Ele ensina a não oprimir os estrangeiros (Êx 23, 9): “Também não oprimirás o estrangeiro; pois vós conheceis o coração do estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito”. E afirma: “Amem os estrangeiros, pois

* Roteiro para Encontro de formação da Pastoral do Migrante da Diocese de Passo Fundo/RS – Setembro de 2017. Elaborado por Carmem Lussi, pelo CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios. Email: assessoria@csem.org.br.



vocês mesmos foram estrangeiros" (Dt 10,19); na realidade, segundo o Levítico, todos, hebreus e imigrantes, são hóspedes e estrangeiros na terra, que é de Deus (Lv 25, 23): “Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo”.

Logo no início da história da salvação, quando Deus chama o que será reconhecido como a maior figura de fé da Bíblia, ele escolhe um imigrante. O seu nome era Abraão, um arameu (da região do atual Iraque) que se tornou migrante em Canaã, por ordem de Deus (Gn 12, 1-3): “Ora, o SENHOR disse a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra”.

Séculos depois, as Escrituras narram como o povo que nasceu de Abraão se tornou imigrante no Egito, onde sofreram como escravos (Êx 1). Para libertá-los, Deus escolheu um homem que foi migrante a vida inteira. Moisés nasceu no Egito, viveu em Madiã, passou a vida andando pelo deserto e morreu antes de chegar à terra prometida. Toda a Bíblia traz relatos de estrangeiros que foram colocados por Deus na história de seu povo. Merecem destaque as mulheres estrangeiras que Mateus narra como sendo avós de Jesus: a ex-prostituta Raab, de Canaã (Js 2); Ruth, a moça moabita (Rt 1-4) e Tamar, que também era cananeia (Gn 38).

No Novo Testamento, os estrangeiros aparecem desde o início da vida terrena de Jesus, com a fuga ao Egito e aparece no final do Evangelho de Mateus, na parábola sobre o juízo final, em que Deus nos julgará também pelo modo como tratamos os migrantes (Mt 25, 35b): “Tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me”. A comunidade cristã logo depois da Ressurreição sofre perseguição e os que fogem pela destruição de Jerusalém ou os que escapam de Roma por causa da perseguição se tornam missionários da Boa Nova, como o casal Priscila e Áquila (At 18).

É dentro de uma história de salvação, que se cruza com muitas histórias de migrantes, que o projeto de Deus para a humanidade revelou-se e continua a revelar-se a quem ainda hoje se põe em diálogo e na escuta da Palavra de Deus. A revelação de Deus ocorre através de um ato histórico, que tem todas as características do estranhamento: Deus, para dar-se a conhecer à humanidade, escolhe fazer-se estrangeiro. Jesus se apresenta como estrangeiro para desfazer preconceitos e poder tornar-se verdadeiramente próximo; por isso, somente quem não pretende saber tudo de Jesus pode verdadeiramente encontrá-lo e descobrir nele o rosto do Pai. É assim que os cristãos aprendem a entender quem são e como devem ser tratados os estrangeiros.

Se a partir de Abraão “o crente é o homem do caminho, se o próprio Deus, ao longo da história de aliança, revelou-se como o Deus que caminha com seu povo e que em Jesus se fez migrante assumindo a condição de homem, tanto mais os discípulos de Jesus!”¹.

Em o Novo Testamento os cristãos são chamados de "peregrinos" (1Pe 2, 11), isto é, "apenas imigrantes", de passagem nesta terra (Hb 13, 14): “Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura”. Como para Jesus, também para o discípulo a condição de estrangeiro... toca profundamente a sua própria identidade. ‘Aqueles do caminho’ (cf. At 9, 2) é uma das denominações dos primeiros cristãos: “E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote. E pediu-lhe cartas para

¹ FUMAGALLI, Anna. Ler a Bíblia no contexto migratório. Ciberteologia, n. 37, pp. 33-62, aqui p 54. Disponível em <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/01/Artigo2.pdf>



Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns deste Caminho, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém”.

A experiência humana é uma vivência constante da experiência de ser acolhido e de acolher. A Bíblia apresenta a experiência do migrar e do viver entre estrangeiros, do acolher e do ser acolhido como uma experiência fundamental para o povo da aliança, assim como para as primeiras comunidades cristãs e, de maneira especial, para a própria pessoa de Jesus.

Acolher e relacionar-se com abertura de mente e de coração com os migrantes é conhecer e concretizar uma dimensão fundamental do Evangelho do Reino, é fazer-se um pouco mais humanos e viver uma vida um pouco mais cristã: nas relações, no respeito, no serviço da caridade e na partilha da solidariedade.

As migrações e um modo intercultural de ser Igreja

Deus abençoa sua Igreja agregando novos filhos às comunidades através das migrações, desde a primeira comunidade cristã. Muitas regiões do Brasil receberam a fé através do testemunho e da partilha da vida e da religiosidade de imigrantes. Graças às migrações, o Brasil hoje está se tornando um país multirreligioso e, espera-se, inter-religioso e ecumênico.

Nesta dinâmica, a comunidade cristã, à luz do Evangelho, do reconhecimento do ser humano como irmã e irmão, criado à imagem de Deus e à luz da fé que a todos irmana em Jesus Cristo, pode testemunhar e até ensinar à sociedade em geral e aos gestores da coisa pública, um modo mais humano e intercultural de entender e viver a temática migratória.

O principal documento da Igreja que trata da temática migratória, a Instrução *Erga Migrantes caritas Christi* lembra que o povo de Deus foi chamado, desde sempre, a reservar aos estrangeiros o mesmo tratamento que a lei prescrevia “aos filhos do teu povo” (Lv 19,18), isto é: “tu o amarás como a ti mesmo” (Lv 19,34). “O cristão contempla no estrangeiro, não só o próximo, mas o próprio rosto de Cristo, o Qual nasce numa manjedoura e, estrangeiro, foge para o Egito, assumindo e recapitulando em si esta experiência fundamental do seu povo (cfr. Mt 2,13ss)” (EMCC n. 15).

Na Igreja, ninguém é estrangeiro e a comunidade cristã não pode tolerar alguma forma de rejeição, discriminação ou indiferença para com qualquer pessoa, ainda mais se estrangeira e mesmo se for de outra religião. “O cristão é sempre um *pàroikos*, um residente temporário, um hóspede, onde quer que se encontre (cfr. 1 Pd 1,1; 2,11; Jo 17, 14-16). Por isto, a própria situação geográfica no mundo não é tão importante para os cristãos, e o sentido da hospitalidade é para eles inato” (EMCC n. 16).



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

1. Acolhedores como Abraão e Sara – Gn 18

O modelo de toda hospitalidade bíblica é Abraão, e a narração de Gn 18 é seu ícone principal. Abertura e atenção total ao “estranho” que pode chegar, sem avisar ou até mesmo sem ser desejado. Abraão estava, na verdade, a caminho. Havia abandonado, seguindo o chamado de Deus, sua terra de origem, a Mesopotâmia, e percorria a terra da Canaã que Deus havia prometido a ele e a seus descendentes, que ainda não existiam.

Abraão era um seminômade, que vivia debaixo da tenda; ao mesmo tempo era um rico pastor, que se movimentava no deserto, parando às suas margens, onde encontrava verde e fontes de água. Ele era um perfeito observador do código não escrito da hospitalidade e observava com rigor as cinco leis da tenda: manter a porta aberta, lavar os pés do hóspede, dar hospedagem, oferecer alimento, dar ajuda para prosseguir a viagem. A chegada dos três hóspedes o pega de surpresa: não os conhece, não os esperava, não é horário do dia para se estar a caminho: mas são pessoas em caminho e ele as acolhe, reorganiza seu dia, seus servidores e seus bens em função desta surpresa, que ele ainda não sabe se lhe trará algo de bom. Mas a lei da hospitalidade ensina que a acolhida é bênção. Sempre.

Abraão não aguarda que façam algum pedido: vai ao encontro dos três homens, acolhendo-os com sinais de respeito e com expressões típicas dos rituais do antigo Oriente, considerando aquele encontro providencial para ele e para sua casa. Lavar os pés era o socorro mais urgente para quem chegava de viagem com sandálias pisando areia quente e empoeirada. E cada um dos gestos que seguem vê Abraão plenamente em cena, participando em cada um dos momentos. Se você é meu hóspede, foi Deus que o enviou a mim: esta é a consciência que precede a chegada dos três homens anjos.

A atitude da acolhida do hóspede é ícone das relações com quem não é de minha casa: com familiares e amigos existe uma forma de pertencimento recíproco. A acolhida diz respeito a uma relação com algo, alguém ou uma situação não somente não conhecida, mas também não esperada e nem desejada, ou até mesmo indesejada. A radicalidade da hospitalidade de Abraão diz abertura, disponibilidade, compromisso, dedicação a pessoas concretas. Ele se deixa implicar nesta relação, que se revelará fundamental para conhecer o Deus que ele obedecia sem conhecer e para conhecer sua história, que ainda revelaria muito mais de quanto ele pudesse desejar ou pensar. Abraão mostra-se atencioso e generoso com os visitantes desconhecidos, que ele chama de “Meu Senhor”... revela-se disponível e cuidadoso... como não pensar, ao ver o trecho, na frase de Cristo: “era forasteiro e me acolhestes” (Mt 25, 35)?

A visita trouxe a Abraão uma outra alegria [além da confirmação da promessa de paternidade que Deus lhe havia feito]: o encontro, a descoberta de um Deus próximo. Deus não é apenas o Altíssimo, o transcendente, o Totalmente Outro. Ele também pode mostrar-se simples e familiar, acessível aos homens.

Para refletir:

- Deus visita ainda hoje o seu povo, enviando pessoas de passagem por nossas estradas, alguns dos quais na condição de migrantes. Quais gestos e iniciativas que já pertencem à nossa cultura de acolhida e hospitalidade podem nos abrir à acolhida dos estrangeiros à luz da fé e da experiência cristã? E como superar os argumentos de quem tenta argumentar a não-acolhida?
- Migrantes também podem acolher? Como?



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

2. Fortes como Agar e Ismael – Gn 16

A grandeza, mesmo na fé, tem suas ambiguidades e fragilidades, mas a força dos excluídos, de alguma forma estranhos, muitas vezes estrangeiros e sempre amados por Deus, tem a capacidade de desmascará-las e ajudar a superá-las. A saga de Abraão nos é familiar pela grandeza dele diante de Deus, mas pouco meditamos sobre a grandeza de outras figuras que a memória bíblica nos traz junto dele, como a mãe de seu primogênito Ismael, a estrangeira Agar.

A sorte de Agar, que foi tradicionalmente deixada de lado ou desprezada para sublinhar a santidade de Abraão e seus descendentes, é parte da saga do patriarca e a enriquece de humanidade, em seu lado santo e também no lado pecador. Ele é o modelo do homem de fé e sua Rainha Sara, com ele, são a família abençoada. Todavia, a Bíblia narra que eles dois concordam em tentar ‘progredir’ com suas próprias tradicionais estratégias, prescindindo da escuta obediente ao Deus libertador. Desse mesmo Deus, a mulher estrangeira rejeitada Agar, recebe uma promessa e, a seguir, a vê sigilada também com o filho Ismael. Agar, oprimida por Sara a causa da estratégia que a usava como reprodutora, para ‘dar filho à patroa’, abandona a casa de Abraão e Sara como escrava fugitiva, mãe solteira, sozinha e estrangeira, pois é egípcia entre os hebreus.

Hoje, como em muitas narrativas bíblicas, migrantes e refugiados são ícones de sofrimentos e esperanças, situações de vulnerabilidade e riscos que as sociedades encerram, mesmo sem notar, sem reconhecer e sem saber gerenciar. “A ironia do relato é notável: uma egípcia é escrava dos hebreus na terra da promessa; quando a sequência textual fará dos hebreus escravos no Egito. /.../ Abraão e Sara não se referem a Agar pelo nome, deste modo lhe negam até mesmo sua identidade. O anjo do Senhor, no entanto, a chama pelo nome: Agar; revelando que Deus a conhece e acompanha. O relato não hesita em fazer de Agar a primeira mulher de toda a Bíblia à qual Deus faz uma promessa semelhante à de Abraão: “Multiplicarei numerosamente tua descendência; não se contará de tão numerosa” (Gn 16,10; 22,17); e anuncia o nascimento de um filho. O nome do filho de Agar é Ismael, que significa “Deus ouviu”. Embora o relato não apresente o modo como Agar dirigiu-se a Deus, sabe-se que ela foi ouvida na sua aflição. /.../ No Egito, os filhos de Israel não conheciam a Deus. Moisés não conhecia a Deus. Tanto que Moisés pergunta o nome de Deus. Agar, a refugiada sem destino certo, dá um nome para Deus: “Tu és o El-Roi” (Gn 16,13), que significa o “Deus que vê”. De fato, Deus viu Agar e a fez ver, quando ela já não via. A experiência de Agar não é diferente da experiência de tantos migrantes...”²

Em Agar estão todas as mulheres migrantes, *desplazadas* e refugiadas que tem que partir a causa de gravidez indesejada, de filhos, de pessoas em situação de vulnerabilidade de suas famílias pelas quais lutar ou simplesmente por serem mulheres.

Para refletir:

- Nos fluxos de migrantes muitas mulheres desenham estratégias e constroem histórias singulares. Sabemos superar tentações de vitimização das mulheres em situação de vulnerabilidade para saber fortalecer seus esforços e apoiá-las em suas lutas?
- Sabemos escutar suas necessidades a partir de seus próprios pontos de vista? Como?

² CHAVES DIAS, Elizangela. Bíblia e Pastoral da Mobilidade Humana. *No prelo*.



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

3. Líderes no caminho do povo, como Moisés, Maria e outras lideranças – Ex 1, 15-22; 2, 1-10; 15, 19-21

O livro do Êxodo, em sua narração de saga da escravidão do Povo de Israel no Egito Antigo, recorda muitos feitos que esta história deve a líderes que se fazem migrantes com o povo de Deus, no caminho para a libertação e a conquista da terra prometida. Entre estes, Moisés, sua irmã Maria e outras mulheres. Os três textos indicados são como que fotos de um filme muito maior, mas estas cenas focalizadas pelo narrador, sugerem muitas outras que não nos contaram por escrito, e outras ainda, que constam em outras passagens do texto bíblico.

Na libertação do povo do Egito, Moisés inicia uma peregrinação, que o prepara para se fazer migrante com seu povo em marcha, na busca por uma vida melhor, longe da pobreza e da exploração. Ele contou com a colaboração de muitas mulheres, entre as quais Miriam emerge como líder, desde a infância, até a dança da vitória. Ela, na Bíblia, é chamada com o título de profeta, em meio a sua nova comunidade. Miriam é a mulher que, quando está doente, a peregrinação do povo pára e espera, pois, sem ela não se pode caminhar! Ela faz parte do grupinho dos 3 que caminham à frente do povo, como muitos anos mais tarde vai lembrar escrevendo seu texto o profeta Miquéias (6, 4).

Além de Maria, o Êxodo fala de outras mulheres, como Jocabed (que significa O Senhor é glória), a mãe de Moisés – estrangeira no Egito, que transgrede as leis escondendo o filho da morte; como as parteiras Sefra e Fua, também descendentes de imigrantes, que desobedecem ao faraó e se aliam entre elas e com as mães e as meninas como a que salvou Moisés das águas; como Séfora (estrangeira, madianita), primeira esposa de Moisés, que o salva diante de Deus com o rito da circuncisão (assumindo um papel de sacerdotiza); como sua esposa etíope, que sofreu por ser negra dentro da nova comunidade e como todas as que cantam junto com Maria o louvor do Senhor, quando o povo supera a primeira grande prova e se encaminha para a grande migração em busca da terra prometida. Entre os próprios migrantes muitos homens e mulheres fazem a diferença e são testemunhas e instrumentos do Deus que conduz seu povo, mesmo entre provas e não sem elas.

Os primeiros 15 capítulos do livro do Êxodo narram de um momento muito duro da história daquele povo: opressão e exploração em terra estrangeira. Condições injustas de trabalho, ameaças e insegurança. Discriminação e leis injustas. A libertação passa por uma longa história de migração, durante a qual Israel se formou como povo da Aliança.

Para refletir: existe na tradição eclesial que trata da temática migratória uma tendência a interpretar os fatos e tratar os sujeitos relacionados com a mobilidade humana com uma visão pauperística, que favorece a vitimização e uma visão dos migrantes sempre e fundamentalmente só como problema, e não como riqueza e enriquecimento para quem migra como para quem vivia onde eles passam ou onde eles chegam.

- Como levar à consciência as premissas que adotamos em nosso modo de abordar o tema das migrações para favorecer o protagonismo dos próprios migrantes, na Igreja e na sociedade?
- Como vigiar para evitar o assistencialismo?



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

4. Corajosas como Noemi e sua nora Ruth – Ruth 1,18-3,5

O texto que fala de Ruth e Noemi foi escrito muito mais tarde que a maioria dos outros textos bíblicos, e foi escrito em um momento em que Israel estava redescobrando sua tradição religiosa e, naquele processo, houve quem adotasse formas radicais de religiosidade que se revelavam injustas para as pessoas, como a expulsão de mulheres estrangeiras da comunidade. A história que é narrada neste livro, dedicado ao nome de uma das duas protagonistas: Ruth, mostra a Israel que a infidelidade à Aliança pode tornar Israel mais estrangeiro a Deus que uma estrangeira, como Ruth, cuja coragem, bondade e fé fazem dela uma das avós de Jesus.

O inteiro livro de Ruth apresenta esta mulher estrangeira como fiel à Aliança, pois na sua decisão de aliar-se a Noemi, dando-lhe confiança e assumindo com ela a mesma sorte, usa os termos técnicos da fórmula da Aliança. Ela “mulher jovem, Ruth comunga com Noemi a perda. Dobra-se pela *hesed*, isto é, pelo amor, pela misericórdia que seu coração tem pela sogra. Na fome, seu corpo vai dobrar-se para colher o restolho. Na utopia por terra e futuro, seu corpo enfeitado e silencioso se insinuará na noite. Esse corpo vai se apropriar do que, no seu mundo, é reservado aos homens: realizar uma aliança, formular palavras que estabelecem um pacto com a sogra. /.../ [no texto] encontramos elementos básicos das fórmulas de alianças: são apresentados os contraentes, o contexto histórico, as condições e exigências, o juramento, acompanhado de bênçãos e maldições, tendo como testemunha Deus”³.

A história destas duas mulheres e suas respectivas famílias (o livro termina com Ruth tendo em braços um filho homem, da genealogia de Jesus) é história de mulher que aposta em mulher, que é capaz de eliminar a tendência machista de colocar as mulheres umas contra as outras. Trata-se da memória bíblica de uma relação diferente e desafiadora de aliança, cumplicidade, estima e apoio recíproco entre mulheres, que se torna, por si mesmo, espaço e estratégia de *empoderamento* para as interessadas, na linha da fidelidade, reinventando modalidades femininas para interpretar as leis e a herança religiosa de seu povo, na defesa da vida e no dinamismo de relações de amizade e solidariedade.

Noemi aliada com a nora Ruth sabem fortalecer-se com estratégias intrigantes: usar a lei a próprio favor, assumir a humilhação como meio para poder proteger suas vidas e poder sonhar um futuro diferente. Com pobres e com migrantes é necessário saber escutar com intenção de aprender e encarregar-se, pois passar por situações de vulnerabilidade não significa não saber, nem representa falta de visão, de sonhos e de projetos.

Ruth é o sujeito emergente, mulher, viúva, estrangeira, pobre, sem apoio de redes de solidariedade local, que como tantos migrantes, também pode ser protagonista. Ela é a figura dos que vêm de outros *backgrounds*, com os quais não sabemos lidar, que nos contestam e por vezes nos irritam. Ruth não se encaixava. Ela nos remete aos crucificados da história, que Deus ama de amor especial.

Para refletir: Um dos grandes desafios nas vias das migrações é a formação, a identificação e o apoio das lideranças migrantes.

- Quais dificuldades nesta tarefa?
- Como superá-las?

³ FRIGERIO, Tea. *Patriarcalismo e antagonismo entre as mulheres. Construir a solidariedade a partir do Livro de Rute*. São Leopoldo: CEBI, 2007, p. 35-37.



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

5. Ousadas como Tamar, uma das avós de Jesus – Gn 38

Tamar é uma mulher pouco conhecida, apesar de ser uma das poucas – mulher e estrangeira – a ter seu nome lembrado no Antigo Testamento – mais de uma vez – e lembrado até no Novo Testamento, pois Mateus inicia seu Evangelho informando-nos que ela é uma das avós de Jesus, junto com Ruth (moabita), Raab (cananeia) e Betsabeia (esposa de um estrangeiro).

O texto bíblico de Gn 38 narra o único fato que a Bíblia nos traz sobre esta mulher, mas pelas informações que temos sabemos como ela foi capaz de entrar na cultura do marido (e do lugar para onde havia migrado), assumir sua parte melhor, mostrar-se guerreira na hora de ser fiel a Deus (mais do que à lei) e criativa na hora de fazer valer sua visão e suas razões.

Esta mulher é lembrada na Bíblia pelo fato que os maridos dela morreram desagradando a Deus e porque seu sogro a considerou culpada e por isto não lhe deu em marido o terceiro filho como previa a lei. Mas o que marcou mesmo sua história foi o papel importante que ela tem para desmascarar um homem desonesto, Judá, que é infiel a Deus e despreza, humilhando, sua nora, o que significava, na verdade, desobedecer a Deus que ensinava como tratar com justiça as viúvas (e os estrangeiros).

Ela soube o que fazer com as informações para se proteger, seguindo a lei de Deus, sem fazer justiça com suas mãos, mas fazendo com que Judá se revelasse a si mesmo pelo que era de fato. Sem filhos e sem marido, mulher e estrangeira, Tamar conheceu a humilhação e a maldição, a pobreza e a exclusão social, enganada pelo próprio sogro que lhe promete o filho quando ficar mais velho, tendo decidido de antemão que não o faria. Mas ela não se deixou vencer e soube reagir com sabedoria. Tamar é a figura de mulher forte e sábia, que sabe articular seus recursos de experiência, memória, coragem e ousadia para proteger-se, afirmar seus direitos e ainda manifestar sua confiança que a verdade vai vencer. É a migrante que não se deixar destruir interiormente nem socialmente, pois tem capacidade de resiliência e sabe levantar-se, sabe esperar e sabe achar meios para não desistir de lutar.

Em Israel eram proibido por lei as relações incestuosas, como no caso de Tamar nora-sogra, mas a censura não eliminou da memória coletiva das Escrituras este texto, que chegou até nós, porque Tamar fez uma denúncia na qual muitos entenderam que Deus estava falando, lembrando o que já havia ensinado e mostrando quanto aquela sociedade estava distante de viver segundo a Torá. Como pode uma mulher estrangeira ter tanta incidência em Israel? Ela ensina a justiça a Judá (e à comunidade toda que não esqueceu para sempre o ocorrido). Ela “mostra que existe uma via não literal de observância da lei, que respeita o espírito da legislação bíblica: aquela que promove, mesmo em forma paradoxal, a vida...”⁴.

Para refletir: Tamar é a emersão da alteridade. Assim como muitos migrantes, a diferença que os caracteriza pode deixar a comunidade e suas lideranças perplexas.

- Como pensar a igreja e as relações sociais com mente e coração abertos a visões e modos diferentes de ser e de viver?
- As migrações podem ajudar a Igreja a entender Deus, a Palavra e a comunidade em perspectiva nova e intercultural? Como?

⁴ SCAIOLA, Donatella. “Donne migranti o straniere: interpreti della fede di Israele” in *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, vol. 14, 29, 2007, p. 168



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

6. Crentes como a Sirofenícia, que acreditou contra toda esperança - Mt 15, 21-28; Mc 7, 24-30

Desde os primeiros séculos, os cristãos reconhecem nesta mulher um modelo de fé. Ela não leva a filha doente a Jesus, mas leva sua fé viva, aquela fé que faz Jesus curar a filha doente. A palavra corajosa desta mulher emudece Jesus, pois a narrativa desoladora da situação da criança não arranca nenhuma palavra de consolação da boca do Mestre.

O milagre da cura revela a todos a preciosidade que aquela mulher estrangeira trazia e representava para a comunidade dos primeiros seguidores de Jesus. O silêncio de Jesus é fecundo nos seus lábios, pois ela o investe com suas palavras e, na escuta dele, tomam corpo, tornam-se salvação. A fé dela não foi provocada por milagre algum, que ela – de fato – ainda não havia recebido, mas nasce do amor que ela tem pela filha e pela confiança que ela tem no Senhor. E sua fé é critério para crentes velhos e novos, especialmente para aqueles discípulos que acham que tem respostas prontas e comportamentos preestabelecidos contra ela e contra quantos pertencem a grupos sociais e culturais semelhantes aos daquela mulher. Com a confirmação e a acolhida da fé dela, Jesus destrói os preconceitos dos que a desprezavam e questiona a qualidade da fé dos que se sentem melhores dos outros.

A dureza da primeira resposta de Jesus àquela estrangeira exalta ainda mais o perfil corajoso, humilde, ousado e forte daquela mulher. A sua petição e a sua insistência desafiam a identidade e a missão de Jesus e confrontam a ideologia imperialista de Israel. O provérbio utilizado por Jesus, provérbio comum naquele tempo, que revelava a superioridade que Israel acreditava ter sobre os outros povos, não supera o amor daquela mulher pela sua filha. Ela não precisa negar os privilégios de Israel para implorar vida para sua família, nem ousa discutir com Jesus. Sua força interior lhe dá postura e sabedoria e, no encontro com Deus inclui a nós entre os eleitos. Para sempre. Ela não ganha uma exceção, ela quebra um exclusivismo, para sempre e para todos e todas. Aquela mulher estrangeira, na sua fé, tem a Palavra de Jesus que a confirma e ela pode ir à luta, retomar o caminho de casa. Agora ela não está mais só, sabe que o Senhor está com ela e o muro de separação e de desprezo foi quebrado pela Palavra de Deus. Graças à dor e à fé das ‘cananéias’ de ontem e de hoje, o cristianismo se reinventa a cada novo crente que vê Jesus e o busca com ousadia, confiança e muitas expectativas. Ela carrega consigo a (má) reputação de seu povo, como muitos migrantes, que pagam não por quem são, mas pela história de seus povos ou pelos estigmas que trazem consigo, sem saber ou sem merecer.

O fato que Jesus muda de posição na interlocução com ela obriga os discípulos de ontem e de hoje a sentirem-se interpelados. Trata-se de um problema de mentalidade. Assim como a primeira comunidade, a Igreja sempre se depara com preconceitos e estereótipos culturais, sociais e eclesiais que riscam de fechar mentes e corações à graça, e, especialmente, ao encontro. Ela é o ícone da ousadia das mulheres mães e estrangeiras, e de suas dificuldades diante das formas de rigidez asfixiante dos sujeitos e das realidades daquelas formas de discipulado que sabe muito de ortodoxia e pouco de humanidade.

Para refletir:

- Sabemos, como Jesus, ver, reconhecer e valorizar a vida e a fé dos migrantes? Ou nossos preconceitos e nossa ignorância sobre sua vida e sua fé nos empobrecem ao ponto de não sabermos acolher seu testemunho e a riqueza de sua alteridade?



FIGURAS MIGRANTES DA BÍBLIA

7. Solidários como Áquila & Priscila - At 18, 11; 18-27

Estes migrantes-refugiados são figuras de comunhão e de corresponsabilidade por causa da fé em Jesus Cristo e exortam para o compromisso pelo desenvolvimento transformante e integral para todos e todas as filhas e os filhos de Deus. Priscila é a companheira missionária que se apresenta nas Escrituras sempre junto de seu marido Áquila. Eles são um casal missionário e atuam na comunidade cristã primitiva com autoridade, ao par de apóstolos como Paulo e Apolo.

Priscila⁵ e seu marido eram judeus cristãos em Roma, provavelmente lideravam a comunidade cristã local, mas por causa da perseguição do Imperador Claudio contra os judeus, em torno do ano 50 d.C., fogem para Corinto, onde se instalam por um tempo até prosseguirem para Éfeso, assumindo responsabilidades pastorais confiadas ao casal diretamente por Paulo. Em todas as cidades, a casa deles era um espaço eclesial, um ambiente onde a comunidade cristã se reunia. Eles são a família que acolheu Paulo, em Corinto, para que pudesse ganhar o pão com seu próprio trabalho, no exercício da profissão que exerciam em comum: fazedores de tendas (At 18, 3). Deles se fala hoje de um ‘ministério da acolhida’, pois transformaram sua casa em espaço para a vida da Igreja, como muitas mulheres e muitas famílias hoje que, por solidariedade, pela fé ou por causa de sua capacidade de leituras e relações humanizantes sobre os fatos e sobre os sujeitos que entram a fazer parte de suas vidas, abrem seus corações, suas casas e suas vidas para tornarem-se berço que regenera à vida, cuida, protege, ampara e anima no caminho.

Priscila e Áquila chamam os homens e as mulheres de hoje a uma fé capaz de colocar ao centro as relações, antes e acima de todas as práticas devocionais, regras e projetos (e interesses) institucionais, por mais teologicamente e pastoralmente corretos e importantes que possam parecer. A concretude da vivência do casal e da vida profissional dessas figuras ajuda a Igreja a despertar das ilusões do desenvolvimento e dos projetos pensados em escritórios para focar nas perspectivas desestabilizadoras dos processos que irrompem nos contextos locais, por causa de problemas, imprevistos, lideranças inspiradas e/ou necessidades concretas.

As Escrituras registraram esta especificidade do jeito de Priscila e Áquila ser cristãos: construir Igreja a partir do próprio lar. Eles revelam uma vida comunitária centrada na casa, naquela forma simples e ferial que mais tarde chamaríamos de “igreja doméstica”. Há um motivo muito particular para fomentar a igreja doméstica: dentro de sua casa, uma família pode convidar quem quiser e até expressar sua fé com maior liberdade e criatividade. A família, de certa forma, protege os crentes da pressão social, até mesmo quando tal pressão vem da igreja.

Para refletir:

- Com que visão de Igreja abordamos os migrantes?
- E em que modo os migrantes podem enriquecer a Igreja, com relações positivas através das famílias cristãs?

5 Sobre Priscila e outras 5 mulheres missionárias do Novo Testamento preparei um roteiro com encontros bíblicos: LUSSEI, Carmem. Mulheres missionárias da comunidade cristã primitiva. Encontros bíblicos, 2014. Disponível em http://www.csem.org.br/images/downloads/pastoral/Encontros_B%C3%ADblicos_Mulheres_Missionarias_no_NT_Carmem_Lussi.pdf.